

ITINERÁRIOS TERAPÊUTICOS DE FEIRANTES CRONICAMENTE ADOECIDOS QUE ATUAM NA FEIRA LIVRE DA ESTAÇÃO NOVA EM FEIRA DE SANTANA – BA

Tamires Pereira dos Santos¹; Maria Geralda Gomes Aguiar²

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduanda em Enfermagem, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: tammy.saantos@gmail.com
2. Orientadora, Professora Titular do Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, Coordenadora do NUPEC, e-mail: geaguiar@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: feirantes, adoecimento crônico, itinerários terapêuticos.

INTRODUÇÃO

O feirante, até alguns anos atrás, era o homem oriundo do campo e o pequeno produtor que vendia o que colhia na propriedade familiar. Atualmente, a constituição das feiras livres vem se modificando, uma vez que estão sendo ocupadas, dia a dia, por indivíduos citadinos, alguns com escolaridade elevada, qualificados profissionalmente e que foram excluídos do mercado de trabalho formal (SANTOS, 2008; SOUZA; SILVA, 2009). As feiras livres representam um local de comercialização, mas também constituem um ambiente de diversão, de amizades, de conversas, das tradições, dos encontros, das experiências, enfim, das performances, das cores e dos odores. Nesse cenário complexo de trabalho e diversão, os feirantes se organizam de acordo com as necessidades exigidas pelo trabalho, estabelecem relações de cooperação e competição tornando a prática laboral dinâmica (SATO, 2007). De maneira contraditória, o espaço da feira é um local de “amores”, mas também de “dores”, já que as condições de trabalho vividas pelos feirantes são, na maioria das vezes, precárias e sofridas. Souza e Tolfo (2009) consideram que a prática laboral exercida pelos trabalhadores feirantes é difícil e penosa, pois esses vivenciam a pobreza, a discriminação, a labuta, o esforço físico e mental, num contexto de informalidade – sem contrato formal de trabalho e nenhuma garantia de segurança social. As dificuldades enfrentadas no ambiente da feira, atuando conjuntamente, representam seus reflexos nas condições de saúde dos feirantes, já que muitas vezes contribuem para o desencadeamento do processo de adoecimento, uma vez que, tornam os indivíduos desse grupo populacional mais vulneráveis às doenças. Riquinho e Gerhardt (2010) apontam que o sentimento de estar adoecido vem das limitações sociais e físicas impostas pela doença; isso se torna comum quando o processo de adoecimento vivenciado é crônico. De acordo com Canesqui (2007) os adoecidos crônicos convivem com enfermidades de longa permanência, duração e que podem ser gerenciadas, mas não curadas, com reflexos importantes sobre a própria vida e o seu manejo cotidiano. Diante de um quadro de adoecimento crônico surgem as necessidades que, na abordagem marxista, são definidas como algo que precisa ser feito para que a vida continue. Nesse sentido, se pensa em necessidades de saúde como a procura por cuidados que um doente faz. Então, traçar trajetórias para enfrentar as necessidades de saúde diante de um adoecimento crônico é assumir que existe uma solução para o seu problema (SCHRAIBER; NEMES; MENDES-GONÇALVES, 2000). O objeto desse estudo são os itinerários terapêuticos de feirantes em situação de adoecimento crônico que atuam na feira livre da Estação Nova em Feira de Santana - BA, no enfrentamento de suas necessidades de saúde. O itinerário terapêutico é constituído pelos movimentos que os indivíduos realizam para manter a saúde diante do processo de adoecimento crônico, tornando-o um conjunto de experiências associado a redes de significados e interações sociais (GUALDA; BERGAMASCO, 2004). Para constituir os itinerários terapêuticos acredita-se que são necessárias escolhas, as quais são guiadas pelo contexto sociocultural em que os indivíduos estão inseridos. Deste modo, compreende-se que

as práticas de cuidado com a saúde são respostas sociais organizadas e podem ser entendidas como um sistema cultural especial – o Sistema de Cuidados a Saúde, o qual é constituído por três setores: o popular compreende o campo leigo, não especializado da sociedade; o *folk* inclui especialistas não-profissionais da cura, como os rezadores, espiritualistas e curandeiros e; o profissional é constituído pelas práticas formais de exercício da medicina e por profissões paramédicas legalmente reconhecidas (KLEINMAN, 1980). O objetivo geral desse trabalho é analisar os itinerários terapêuticos percorridos por homens e mulheres feirantes adoecidos cronicamente, discutindo suas escolhas terapêuticas sob o enfoque de gênero; o objetivo específico é descrever os itinerários terapêuticos percorridos por homens e mulheres feirantes adoecidos cronicamente que atuam na feira livre da Estação Nova em Feira de Santana – BA em relação às suas escolhas terapêuticas. A pesquisa tem como justificativa o entendimento de que é preciso compreender as escolhas dos feirantes que enfrentam uma situação de adoecimento crônico para que se amplie o olhar sobre o universo sociocultural dos mesmos e a compreensão de que o percurso dos adoecidos crônicos são constituídos por elementos peculiares.

METODOLOGIA

Estudo qualitativo, do tipo descritivo e exploratório na abordagem etnometodológica realizado com dez feirantes de ambos os sexos que atuam na feira livre da Estação Nova em Feira de Santana – BA, mediante entrevista semi-estruturada, no período de 09 a 30 de junho de 2013. O estudo obedeceu aos princípios éticos de autonomia, não-maleficência, beneficência e justiça de forma a garantir o respeito aos direitos dos sujeitos e a coleta de dados aconteceu após aprovação do projeto pelo CEP/UEFS sob Parecer nº. 281.101 e CAAE nº. 14492413.9.0000.0053. As narrativas dos feirantes foram transcritas, lidas, interpretadas e analisadas utilizando-se a técnica de análise de conteúdo, o que possibilitou a elaboração de três categorias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados possibilitou a construção de três categorias: **A descoberta do adoecimento crônico** evidencia que as mulheres, em sua maioria, revelam Diabetes Mellitus (DM), enquanto a maioria dos homens relata Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS); os feirantes convivem com essas condições crônicas há muito tempo; quando sintomático, o processo de adoecimento crônico foi marcado inicialmente, nos casos de HAS, pela vertigem, como sintoma comum; já nos casos de DM, não foi possível perceber a ocorrência de nenhum sintoma semelhante nas experiências contadas; os diagnósticos, da maioria dos feirantes, foram feitos pelo profissional médico logo após o aparecimento dos primeiros sintomas, mesmo naquelas situações em que o feirante suspeitou de um provável diagnóstico, isso porque, a cronicidade se configura como um dispositivo conceitual biomédico e, especialmente, clínico (CANESQUI, 2007). Compreende-se que os feirantes descobrem suas situações de adoecimento crônico, geralmente, quando recorrem ao subsistema profissional devido às alterações no processo saúde-doença e, raramente, mulheres e homens feirantes procuram assistência médica com enfoque preventivo. **A busca por cuidados terapêuticos** revela que as mulheres escolhem atividades de cuidado que estão inseridas no subsistema popular para enfrentar o adoecimento crônico no início ou em outros momentos da sua trajetória terapêutica, como recurso complementar do subsistema profissional, evidenciando que essas valorizam os cuidados oferecidos pelo subsistema popular e utilizam-no com o intuito de preencher as lacunas deixadas pelo subsistema profissional (NABÃO; MARUYAMA, 2009). Entre os homens, as medidas terapêuticas do subsistema popular, são utilizadas como único recurso para diagnosticar e tratar um adoecimento crônico ou como substituto do subsistema profissional; as opções de tratamento oferecidas pelo subsistema

informal são caracterizadas pelos feirantes como práticas fáceis de serem elaboradas/desenvolvidas no seu cotidiano. A procura pelo subsistema *folk* não aparece nos relatos dos feirantes. O aparecimento de sintomas leva os feirantes a recorrer, imediatamente, a medicina oficial. Nesse contexto, o subsistema profissional é o setor de cuidado à saúde mais difundido e dominante de tratamento. Geralmente, dentro do subsistema profissional, os caminhos dos feirantes se iniciam em qualquer instituição de saúde, sem levar em consideração o nível de complexidade da mesma (primário, secundário ou terciário). Independente do nível de complexidade dos serviços de saúde, raramente, esses são procurados pelos feirantes visando à promoção da saúde e a prevenção de doenças. A busca dos feirantes por cuidados terapêuticos para cuidar/tratar seus adoecimentos crônicos é marcada pela passagem/permanência pelo subsistema popular e/ou profissional. As trajetórias dos sujeitos são construídas com base nas suas necessidades de saúde, mas também, considerando as facilidades ou dificuldades que enfrentam para utilizar os serviços de saúde e para desenvolver as atividades terapêuticas oferecidas por cada subsistema. Assim, fica evidente que os feirantes enfrentam suas condições crônicas de saúde, e constroem seus itinerários terapêuticos de maneira diversificada. **A convivência com o adoecimento crônico** mostra que a percepção dos fatores que levam ao adoecimento crônico é produto da visão de mundo dos feirantes, de experiências próprias que explicam e interpretam os modos de vida humana, de uma herança cultural que influencia diretamente no processo saúde-doença e, algumas vezes, de conceitos tomados “de empréstimo” da ciência médica. Assim, em alguns relatos, os feirantes centram as etiologias dos adoecimentos em si próprios, e se responsabilizam pela ocorrência dos seus problemas de saúde; em outros relatos, os feirantes percebem a hereditariedade como explicação para o desencadeamento de seus adoecimentos crônicos. De acordo com Helman (2003) a predisposição hereditária também é um fator de dentro do indivíduo, mas fora do seu controle; pode-se dizer, ainda que a hereditariedade é um conceito “emprestado” da medicina para justificar um adoecimento crônico. Existem também aqueles feirantes que afirmam não saber qual a etiologia do seu adoecimento crônico. O processo de adoecimento envolve experiências objetivas, como a etiologia do problema de saúde, mas também experiências subjetivas que podem ocasionar mudanças emocionais na vida das pessoas. Nesse contexto, a maioria dos feirantes afirma ter modificado seus hábitos alimentares e seus costumes em relação à ingestão de bebidas alcoólicas após a descoberta do adoecimento crônico. Muitas vezes, os indivíduos percebem como principal mudança, as limitações físicas impostas pelo adoecimento, as quais comprometem a capacidade para o trabalho (RIQUINHO; GERHARDT, 2010). Nesse estudo, porém, nenhum feirante relatou tal fato. Evidencia-se, que os feirantes, tendo a mesma origem cultural e social, percebem as causas de seus adoecimentos crônicos e avaliam a qualidade do atendimento prestado pelos profissionais de saúde de modo semelhante. Porém, enfrentam a situação crônica de saúde de maneira diversificada. Assim, entende-se que, conviver com o adoecimento crônico é um processo individual e singular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tornou-se perceptível a existência de semelhanças e diferenças entre os caminhos percorridos por homens e mulheres feirantes, em situação de adoecimento crônico, no enfrentamento de suas necessidades de saúde. Os percursos realizados são muitos, pois cada um, de maneira própria, procura diversas atividades terapêuticas para entender e tratar seus adoecimentos crônicos. As trajetórias dos feirantes, em certo sentido, são semelhantes, já que homens e mulheres utilizam os subsistemas popular e/ou profissional para descobrir e enfrentar sua condição crônica de saúde e usam esses subsistemas, raramente, com o objetivo de promoção da saúde e prevenção de doenças; por outro lado, são diferentes, no que se refere à maneira como esses subsistemas são utilizados. Levando em consideração que não se está

com saúde ou doença por acaso, as condições de vida e de trabalho dos feirantes, e a faixa etária dos sujeitos desse estudo, bem como os fatores que determinam e condicionam à saúde, pode-se dizer que o contingente populacional estudado tem grande possibilidade de desencadear problemas crônicos de saúde, visto que são muitas as condições desfavoráveis enfrentadas pelos trabalhadores da feira. Por fim, conclui-se que é muito importante e que, ainda, há muito para ser pesquisado sobre os feirantes. Assim, espero que este estudo estimule a realização de outros pela enfermagem, para que novos caminhos sejam traçados visando ampliar o conhecimento científico acerca desse grupo cultural no âmbito da saúde e para elaboração de projetos para apoiar e/ou facilitar as formas como os feirantes “vivem” o processo saúde-doença.

REFERÊNCIAS

- CANESQUI, A.M. 2007. *Olhares sociantropológicos sobre os adoecidos crônicos*, São Paulo, 149p.
- GUALDA, D.M.R., BERGAMASCO, R.B. 2004. *Enfermagem, cultura e o processo saúde-doença*, São Paulo, 350p.
- HELMAN, C.G. 2003. *Cultura, saúde & doença*, Porto Alegre, 408p.
- KLEINMAN, A. 1980. *Patients and healers in the context of culture: an exploration of the borderland between Anthropology, Medicine, and Psychiatry*, New York, 427p.
- LAURENTI, R., MELLO-JORGE, M.H.P., GOTLIEB, S.L.D. 2005. Perfil epidemiológico da morbi-mortalidade masculina. *Ciênc. saúde colet.* 10: 35-46.
- NABÃO, F.R.Z., MARUYAMA, S.A.T. 2009. A experiência da enfermidade e o itinerário terapêutico vivenciado por uma pessoa com infarto. *Rev. Eletr. Enf.* 11(1): 101-109.
- RIQUINHO, D.L., GERHARDT, T.E. 2010. Doença e incapacidade: dimensões subjetivas e identidade social do trabalhador rural. *Saúde Soc.* 19(2): 320-332.
- SANTOS, M. 1998. A rede urbana do Recôncavo. In: BRANDÃO, M. de A. (org.). *Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição*, pp. 59-100. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado.
- SATO, L. 2007. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. *Psicologia & Sociedade.* esp: 95-102.
- SCHRAIBER, L B., NEMES, M.I. B., MENDES-GONÇALVES, R.B. 2000. *Saúde do adulto: programas e ações na unidade básica*, São Paulo, 290p.
- SOUZA, E.S., SILVA, P. 2009. Perfil socioeducacional e identidade do feirante de Itabaiana – SE. *Psicologia em foco.* 2(1): 66-78.
- SOUZA, R.M.B., TOLFO, S.R. 2009. Significados atribuídos ao trabalho em condições precárias: um estudo com feirantes do Largo da Ordem de Curitiba – PR. Universidade Federal de Santa Catarina. Tese.